

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *ULTIME LETTERE DI JACOPO ORTIS*: UM OLHAR SOBRE O MATERIALISMO FOSCOLIANO

Karine SIMONI*
Karina BEZ BATTI**

■ **RESUMO:** Ugo Foscolo (1778-1827) era um autor conhecido na Itália quando escreveu o romance epistolar *Ultime lettere di Jacopo Ortis* (1802-1817), porém, foi essa obra que o consagrou. No romance, Foscolo retrata o difícil período vivido pela Itália do período, marcada pelo governo napoleônico, e reflete sobre temas como a condição humana, o valor dos clássicos, a necessidade de pátria, a amizade e o amor. Perpassam esses temas a ideia da morte, foco deste estudo, que tem por objetivo analisar a ideia de morte física e morte metafórica no romance a fim de verificar o materialismo de Foscolo, sob a luz da filosofia atomista de Lucrécio. Inicialmente será feita uma breve relação entre Foscolo e o contexto histórico, necessárias para melhor compreender o tema da morte no romance, para, em seguida, analisar a representação da morte no romance e, por fim, analisar como materialismo foscoliano se relaciona à doutrina filosófica do atomismo de Lucrécio (século I a.C.), presente no poema *Da natureza* [*De rerum natura*]. O corpus do estudo são as cartas de 11, 13 e 26 de outubro; 12 e 20 de novembro e 11 de dezembro de 1797; 13 de maio de 1798; 5, 14, 20 e 25 de março de 1799.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** *Ultime lettere di Jacopo Ortis*. Morte. Materialismo. Lucrécio.

As concepções a respeito da morte e as atitudes tomadas diante dela podem ser amplamente encontradas nas mais diferentes formas de manifestações artístico-culturais ao longo da história, como bem atestou Philippe Ariès (2003), em *História da morte no ocidente*. Na literatura, *morte* tanto pode indicar um elemento secundário como pode se constituir no principal assunto a ser tratado na obra, o cerne da criação, de modo que, dos textos mais antigos aos mais atuais, a presença

* UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão – Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-970 – kasimoni@gmail.com

** UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão – Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-970 – ka.bez.batti@gmail.com

da morte testemunha os vestígios do seu tempo histórico, e mostra intenções datadas e localizadas daqueles que criaram, difundiram e receberam as histórias e as imagens a respeito do tema. É o caso da literatura escrita na Itália do século XIX, marcada por importantes eventos no âmbito político, cultural e social, tais como o Governo Napoleônico, o Congresso de Viena, o *Risorgimento*¹ e a Unificação política, perante os quais a literatura apresentou a ideia da morte de forma bastante acentuada, se considerarmos a produção de autores como Foscolo, Leopardi, Manzoni e Verga, para citar alguns dos mais conhecidos.

Nessa perspectiva, parece-nos particularmente válido averiguar a presença da morte em um dos autores mais expressivos da literatura italiana do século XIX: Ugo Foscolo (1778-1827), em especial no seu romance *Ultime lettere di Jacopo Ortis* [As últimas cartas de Jacopo Ortis], escrito em forma de cartas e publicado em definitivo em 1817. No Brasil, a obra foi traduzida e publicada apenas em 2015². Propomos, assim, o objetivo deste estudo, que é o de analisar a ideia de morte física e morte metafórica nas cartas de Jacopo Ortis, a fim de verificar o materialismo de Foscolo sob a luz do atomismo de Lucrécio (século I a.C.), presentes no *Livro 3* do poema *De rerum natura* [Da natureza]. Vale lembrar que o materialismo foscoliano geralmente é associado ao carne *Dei sepolcri* [Dos sepulcros], poema em 295 versos, composto em 1806 e endereçado ao poeta Ippolito Pindemonte (1753-1828), por ocasião do decreto napoleônico que determinava a obrigatoriedade do sepultamento em valas comuns e anônimas, fora das Igrejas (DE CAPRIO, 2003, p. 258), mas parece ser um elemento fundamental também no romance em questão. Procuraremos comprovar a nossa hipótese a partir da análise de trechos presentes nas cartas de 11, 13 e 26 de outubro; 12 e 20 de novembro e 11 de dezembro de 1797; 13 de maio de 1798; e 5, 14, 20 e 25 de março de 1799.

O romance está dividido em duas partes. Jacopo, o personagem principal, escreve e envia suas cartas ao amigo e confidente Lorenzo Alderani, nas quais relata seus sentimentos pela jovem Teresa, prometida em casamento ao nobre Odoardo, e as desilusões diante da difícil situação política enfrentada pela Itália no período, governada pelos franceses. Em sua maioria, as cartas trazem localidade, data, mês e ano em que foram escritas e, além dos personagens citados, contemplam outros como o Senhor T***, pai de Teresa; Isabella, irmã de Teresa; Parini, poeta que Jacopo visitou em seu exílio; Michele, fiel servo de Jacopo; camponeses, a mãe

¹ Termo usado para descrever o complexo processo político, econômico e social que ocasionou transformações literárias e culturais, eventos diplomáticos e militares, que teve início no final do século XVIII e se estendeu pelo século XIX. Tais acontecimentos levaram à unidade política e à independência nacional da Itália. Ver Milza (2006).

² A obra integral foi traduzida por Andréia Guerini e Karine Simoni e publicada pela Editora Rocco, do Rio de Janeiro (FOSCOLO, 2015). Há também uma tradução parcial da obra, fruto da dissertação de mestrado de Maria Tereza Buonafina, defendida na Universidade de São Paulo em 2007, que pode ser encontrada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BUONAFINA, 2007).

de Jacopo, exilados anônimos, dentre outros. A escolha pelo romance epistolar representou, segundo Marcello Verdenelli (2007, p. 164), um modo de

*[...] conciliare certe esigenze della politica e della storia (il tema della libertà, dell'indipendenza, dell'identità culturale di un popolo) con certe esigenze di carattere più autobiografico (il tema d'amore, della famiglia), avendo, il personaggio Jacopo Ortis, più di un elemento in comune con certe aspirazioni di Ugo in quel determinato momento.*³

A afirmação de Verdenelli (2007) evidencia ao menos duas questões importantes que, no nosso entendimento, devem ser observadas para que a obra seja melhor compreendida. A primeira observação diz respeito aos dois principais temas do romance, ou seja, o sofrimento causado pelo amor inatingível de Jacopo Ortis por Teresa e as desilusões políticas causadas pela ocupação napoleônica na Itália, acontecimentos que, como veremos, são determinantes para a ideia da morte nas cartas do protagonista. A segunda observação trata da propensão do autor à autobiografia, também assinalada por outros críticos (ANSEMI, 2008; TERZOLI, 2007; PALUMBO, 1994) que associam a construção de uma imagem de si nas obras como um dos aspectos requintadamente românticos da personalidade do autor. Essa característica da obra de Foscolo não parece ser uma particularidade do autor, pois, segundo Roger Chartier (2010, p. 25), no século XIX, o romance se apoderou do passado, “[...] deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são apresentadas como tais.” De fato, Foscolo (2006, p. 54) não só afirma ter se retratado no romance – em carta endereçada a Antonietta Fagnani Arese, sem data, escreve: “*Mi sono fedelmente dipinto con tutte le mie follie nell’Ortis; e spero che tu nel mio carattere trovi molte cose strane, ma nulla di brutto.*”⁴ –, como também inseriu personagens, momentos históricos do passado e da história presente na obra.

Foscolo viveu no período que abrange os movimentos culturais europeus *Neoclassicismo* e o *primo Romanticismo*, presentes na Itália entre a segunda metade do *Settecento* e início do *Ottocento*, quando observa-se, tanto no campo filosófico quanto literário e artístico, uma expressiva mudança nos fenômenos e tendências em resposta ao Iluminismo. Tais movimentos podem ser interpretados como categorias temporais, mais ou menos próximas umas das outras, que iniciam com o Neoclassicismo, cujo maior intuito era resgatar a cultura clássica grega e latina

³ “[...] conciliar certas exigências da política e da história (o tema da liberdade, da independência, da identidade cultural de um povo) com certas exigências de caráter mais autobiográfico (o tema do amor, da família), tendo o personagem Jacopo Ortis mais de um elemento em comum com certas aspirações de Ugo naquele determinado momento.” (VERDENELLI, 2007, p. 164, tradução nossa).

⁴ “Me retratei fielmente, com todas as minhas loucuras, no Ortis; e espero que você no meu caráter encontre muitas coisas estranhas, mas nada de feio.” (FOSCOLO, 2006, p. 54, tradução nossa).

após as descobertas de Herculano (1738) e Pompéia (1748) (ANSELM, 2008, p. 247). Já o Romantismo foi concebido primeiramente na Inglaterra, onde ainda remetia aos conteúdos dos romances de cavalaria e fantásticos. Na segunda metade do século XVII, o termo *romântico* foi associado à uma atmosfera de mistério e ligação com a Natureza, à fantasmagoria da paisagem, à riqueza flutuante do real (RAIMONDI, 1997, p. 1). Como se sabe, o romantismo está também relacionado aos alemães Schiller (1759-1805) e Goethe (1749-1832), bem como ao *Sturm und Drang*, movimento cultural e literário que propôs uma visão da cultura e da linguagem como fruto e essência da história do povo, “[...] *sottolineando il carattere inautentico della letteratura tedesca ‘alta’, che affonda le sue radici non nella propria tradizione nazionale, ma piuttosto in quella classica dei popoli mediterranei oppure nel Rinascimento inglese e francese.*”⁵ (ANSELM, 2008, p. 240).

Embora o Romantismo tenha se manifestado de formas distintas nos diferentes lugares e períodos, algumas características em comum podem ser individuadas, como o sentimento da efemeridade que habita a condição humana, a contínua sensação de impotência perante a finitude da vida e a relação com a Natureza, capaz de refletir o estado de ânimo dos artistas e poetas. Nesse sentido, a Natureza é vista ora como um refúgio, ora como *Madrasta indiferente*, e ainda como uma *devoradora dos seus filhos*, como escreve Foscolo (1997, p. 167-168, grifo nosso):

*Splendi su splendi, o Natura, e riconforta le cure de' mortali. Tu non risplenderai più per me. Ho già sentito tutta la tua bellezza, e t'ho adorata, e mi sono alimentato della tua gioia; e finché io ti vedeva bella e benefica tu mi dicevi con una voce divina: Vivi. - Ma nella mia disperazione ti ho poi veduta con le mani grondanti di sangue; la fragranza de' tuoi fiori mi fu pregna di veleno, amari i tuoi frutti; e mi apparivi divoratrice de' tuoi figliuoli adescandoli, con la tua bellezza e co' tuoi doni al dolore.*⁶

⁵ “[...] salientando o caráter inautêntico da literatura alemã ‘alta’, que afunda as suas raízes não na própria tradição nacional, mas naquela clássica dos povos mediterrâneos ou então no Renascimento inglês e francês.” (ANSELM, 2008, p. 240, tradução nossa).

⁶ “Resplandeça, levante, resplandeça, ó Natureza, e reconforte as dores dos mortais. Você não resplandecerá mais para mim. Já senti toda a sua beleza, adorei-a e alimentei-me da sua alegria; e enquanto eu a via, bela e benéfica, você me dizia com uma voz divina: Viva. - Mas no meu desespero depois eu a vi com as mãos gotejantes de sangue, a fragrância das suas flores repleta de veneno para mim, amargos os seus frutos; e você me aparecia **devoradora dos seus filhos**, atraindo-os com a sua beleza e com seus dons à dor.” (FOSCOLO, 2015, p. 204-205, grifo nosso). Todas as citações de *Ultime lettere di Jacopo Ortis* correspondem às da edição organizada por Giuseppe Nicoletti, publicada pela editora Giunti em 1997. Da mesma forma, as traduções de *As últimas cartas de Jacopo Ortis* foram emprestadas da tradução de Andréia Guerini e Karine Simoni, publicada pela editora Rocco, em 2015. Doravante, serão indicadas, entre parênteses, o ano e o número da página correspondente a cada edição.

É válido acrescentar que, no contexto da Itália e Alemanha, se intensifica o interesse pela unificação, não apenas territorial, mas também linguística, posto que, em ambos os casos, ainda não existe o conceito de país. Segundo Bruno Enei (2010, p. 193), enquanto o Iluminismo defendia “[...] uma concepção do cidadão como cidadão do mundo e não desta ou daquela pátria. [...] Para o romântico, é o problema de personalidade e não de individualismo, é um problema de nacionalidade e não de cosmopolitismo.” Tais informações devem ser consideradas porque Foscolo, ainda que não se declarasse *romântico*, parece apresentar na sua obra a atmosfera de incertezas, desilusões e solidão vivenciados pelos românticos, bem como o desejo de pátria, que, no caso do personagem Jacopo Ortis, envolvem a esfera da morte, como veremos a seguir.

A presença da morte em *Ultime lettere di Jacopo Ortis*

A morte é representada de forma distinta nas mais variadas culturas, como parte de uma construção histórica que manifesta crenças e convicções, buscando, de certa forma, eternizar a memória dos que partiram. É sabido que a representação da morte foi bastante evidenciada em contextos como é o caso do período aqui estudado, o final do século XVIII e início do XIX, quando “[...] uma nova sensibilidade não mais tolerou a indiferença tradicional, e que uma devoção foi inventada, tendo sido tão popularizada e difundida na época romântica.” (ARIÈS, 2003, p. 17).

Como já foi relatado, Foscolo esteve fortemente ligado ao momento histórico em que viveu, período no qual a Itália ainda não era um país unificado/independente. O Tratado de Campofórmio, assinado por Napoleão em 17 de Outubro de 1797, através do qual Veneza foi cedida à Áustria, se constituiu como ponto de partida para o exílio do personagem Jacopo Ortis, que no início da trama foge de Veneza e se refugia nas colinas Eugêneas, próximo à Pádua, onde conhece o Senhor T*** e se apaixona por Teresa, sua filha. Portanto, adiantamos que são dois os elementos que originam no protagonista o desejo de morte: a instabilidade política e a impossibilidade de viver o amor por Teresa. Vale lembrar que após o Tratado de Campofórmio Foscolo optou pelo exílio, o que indica que teria “emprestado” ao personagem a sua própria experiência.

A ideia da morte é concebida por Jacopo Ortis, por um lado, como um refúgio/solução para a dor que sente e, por outro lado, é representada metaforicamente, como, por exemplo, quando a Natureza se transforma e se torna impiedosa, cruel e indiferente. No decorrer do romance, raros momentos de felicidade são narrados por Jacopo com o uso de elementos mitológicos do mundo clássico e com a descrição da Natureza bela e harmônica, ao passo que, ao se deparar com a realidade, submerso em melancolia, pesar e descontentamento, a Natureza se transforma e se torna *sepultada* sob a neve: “[...] *senza erba né fronda che mi attestasse le*

sue passate dovizie.”⁷ (FOSCOLO, 1997, p. 44). As representações metafóricas da morte se expandem nas cartas, assim como a ideia de morte física, aclamada pela consciência da efemeridade da vida, das limitações humanas e da finitude de tudo que possui vida. Tais aspectos serão mostrados a seguir, com a apresentação/análise das cartas selecionadas.

O primeiro trecho selecionado, intitulado “Ao leitor”, não é propriamente uma carta, mas sim o contato inicial de Lorenzo Alderani com o leitor. Escreve ele:

*Pubblicando queste lettere, io tento di erigere un monumento alla virtù sconosciuta; e di consecrare alla memoria del solo amico mio quelle lagrime, che ora mi si vieta di spargere su la sua sepoltura. E tu, o Lettore, se uno non sei di coloro che esigono dagli altri quell'eroismo di cui non sono eglino stessi capaci, darai, spero, la tua compassione al giovine infelice dal quale potrai forse trarre esempio e conforto.*⁸ (FOSCOLO, 1997, p. 3-4).

O trecho foi incluído na análise pela sua relevância na obra: um aviso ao leitor para envolvê-lo no luto pelo infeliz destino do protagonista. Lorenzo retrata a morte para consagrar a memória de Jacopo após seu funesto destino; as lágrimas sobre a sua sepultura; a homenagem de Foscolo para todos que lutaram pela pátria (ANSELMINI, 2008, p. 256). Na perspectiva filosófica do materialismo de Lucrecio (1985), segundo o qual *nada pode nascer do nada*, como veremos, as palavras de Lorenzo indicam que, mesmo sendo a morte o fim da vida, permanece a ideia da vida e da morte de Jacopo como exemplo e conforto para os que lutaram pela pátria.

A próxima carta a ser examinada é a carta de 11 de outubro de 1797, escrita das colinas Eugêneas. A carta refere-se ao Tratado de Campoformio, que anuncia o exílio como destino de Ortis. Nesta carta, o protagonista representa a ideia da morte como um *sacrifício consumado*:

Il sacrificio della patria nostra è consumato: tutto è perduto; e la vita, seppure ne verrà concessa, non ci resterà che per piangere le nostre sciagure, e la nostra infamia. Il mio nome è nella lista di proscrizione, lo so: ma vuoi tu ch'io per salvarmi da chi m'opprime mi commetta a chi mi ha tradito? Consola mia madre: vinto dalle sue lagrime le ho ubbidito, e ho lasciato Venezia per evitare le prime persecuzioni, e le più feroci. [...] noi stessi italiani ci laviamo le mani nel sangue degl'italiani. Per me segua che può. Poiché ho disperato e della mia

⁷ “[...] sem grama nem folhagem que me atestassem as suas abundâncias passadas.” (FOSCOLO, 2015, p. 56).

⁸ “Ao publicar estas cartas, tento erguer um monumento à virtude desconhecida e consagrar à memória do meu único amigo o pranto que agora estou proibido de derramar sobre a sua sepultura. Você, ó Leitor, se não é um desses que exige dos outros o heroísmo de que não é capaz, concederá, espero, a sua compaixão ao jovem infeliz, de quem talvez possa tirar exemplo e conforto.” (FOSCOLO, 2015, p. 11).

*patria e di me, aspetto tranquillamente la prigionia e la morte. Il mio cadavere almeno non cadrà fra braccia straniere; il mio nome sarà sommessamente compianto da' pochi uomini buoni, compagni delle nostre miserie; e le mie ossa poseranno su la terra de' miei padri.*⁹ (FOSCOLO, 1997, p. 5-6).

Para Jacopo parece não haver qualquer outra possibilidade senão a morte. Faz-se presente o pensamento da morte no seio da pátria: tendo sido Foscolo um grande leitor dos clássicos gregos e latinos, é possível que a sua reflexão tenha base no pensamento grego, do qual a morte em solo nativo remete ao vínculo que o cidadão tem por sua terra de origem (COULANGE, 1975, p. 28-32). O mesmo clima de desolação e dor está presente na carta de 13 de outubro, na qual Jacopo preanuncia o seu suicídio com a expressão: “[...] sovente disperando di vendicarmi mi caccerei un coltello nel cuore per versare tutto il mio sangue fra le ultime strida della mia patria.”¹⁰ (FOSCOLO, 1997, p. 7).

Na carta de 26 de outubro, notam-se os primeiros sinais de mudança no comportamento e sentimento do personagem ao relatar o encontro com Teresa: “*Io tornava a casa col cuore in festa. - Che? lo spettacolo della bellezza basta forse ad addormentare in noi tristi mortali tutti i dolori? vedi per me una sorgente di vita: unica certo, e chi sa! fatale.*”¹¹ (FOSCOLO, 1997, p. 13). É notável o impacto que Teresa causa em Jacopo, deixando-o em conflito diante da jovem, envolto em pensamentos de torpor, amor, dor e morte. Metaforicamente, Jacopo representa o amor *versus* dor; o espetáculo da beleza em contraste com a fragilidade dos mortais; a fonte de vida *versus* fatalidade.

Na carta de 12 de novembro, Jacopo fala de um dia festivo, quando havia transplantado os pinheiros das montanhas mais próximas ao monte da Igreja. Fala do seu pai, que tentara plantar as árvores, e relembra momentos com os antepassados camponeses. Ainda que busque as memórias dos bons momentos, o protagonista se vê envolto em pensamentos funestos:

⁹ “O sacrifício da nossa pátria está consumado: tudo está perdido; e a vida, nos tendo sido concedida, servirá apenas para chorar as nossas desgraças e a nossa infâmia. O meu nome está na lista dos proscritos, eu sei; mas por isso, para me salvar de quem me oprime, devo confiar em quem me traiu? Console minha mãe: vencido por suas lágrimas a obedeci e deixei Veneza para evitar as primeiras e mais ferozes perseguições. [...] nós, infelizmente, nós, os próprios italianos, lavamos as mãos no sangue dos italianos. Para mim, venha o que vier. Visto que perdi a esperança na minha pátria e em mim, espero tranquilamente a prisão e a morte. O meu cadáver, ao menos, não cairá em braços estrangeiros; meu nome será humildemente chorado por poucos homens, companheiros das nossas misérias, e meus ossos repousarão sobre a terra dos meus antepassados.” (FOSCOLO, 2015, p. 15).

¹⁰ “[...] tantas vezes desesperado por vingança, eu cravaría uma faca no meu coração para derramar todo o sangue entre os últimos sibilos de minha pátria.” (FOSCOLO, 2015, p. 16-17).

¹¹ “Voltei para casa com o coração em festa. O quê? Será que o espetáculo da beleza basta para adormecer em nós, tristes mortais, todas as dores? Encontre para mim uma fonte de vida: única certamente e, quem sabe, fatal!” (FOSCOLO, 2015, p. 21).

*E quando le ossa mie fredde dormiranno sotto quel boschetto alloramai ricco ed ombroso, forse nelle sere d'estate al patetico susurrar delle fronde si uniranno i sospiri degli antichi padri della villa, i quali al suono della campana de' morti pregheranno pace allo spirito dell'uomo dabbene e raccomanderanno la sua memoria ai lor figli. E se talvolta lo stanco mietitore verrà a ristorarsi dalla arsura di giugno, esclamerà guardando la mia fossa: Egli innalzò queste fresche ombre ospitali! - O illusioni! e chi non ha patria, come può dire: lascerò qua o là le mie ceneri?"*¹² (FOSCOLO, 1997, p. 17).

A morte é aqui representada em tom poético, no *outono morrendo*, que também representa o prenúncio da sua própria morte e a insegurança diante da possibilidade de não ter o choro dos seus na própria sepultura. Para Foscolo, como veremos, sendo a morte o fim da vida, a memória do homem de bem poderá ser transmitida à memória de seus filhos, *post-mortem*, através da lembrança do bem vivido, por isso a sepultura assume um papel tão importante.

Uma das passagens mais relevantes da obra é a visita que Teresa, seu pai, Odoardo, Isabella e Jacopo fazem à Casa de Petrarca, em Arquà, contada na carta de 20 de novembro. Nesse passeio, Teresa revela a Jacopo que não é feliz, pois desde quando foi prometida a Odoardo, um marido que ela não pode amar, a concórdia desapareceu da sua família. Esta carta apresenta diversas representações da morte que assombram os sentimentos do protagonista: ele consagra a sua vida à Teresa, após saber que ela não é feliz; para, em seguida, revelar enfaticamente o desejo da morte suicida: "*io mi sparpaglierei le cervella*"¹³ (FOSCOLO, 1997, p. 23).

Na carta de 11 de dezembro, emitida de Pádua, referindo-se ao Tratado de Campofórmio, Jacopo descreve o relato da traição que sofreu por parte daqueles nos quais depositou confiança e amizade. No desabafô do personagem, fica evidente a percepção materialista que ele tem acerca da morte, para além da qual não há vida, apenas vermes e fedor: "*Sepulture! bei marmi, e pomposi epitaffi: ma schiudili, vi trovi vermi e fetore.*"¹⁴ (FOSCOLO, 1997, p. 37).

Na sequência, temos o fragmento de uma carta com a indicação de ter sido escrita às 09 horas da manhã, mas sem data. Antes dessa carta, Lorenzo descreve um período particularmente difícil para Jacopo, que, após saber que o casamento

¹² "E quando os meus ossos frios dormirem naquele pequeno bosque, tão rico e sombreado como nunca, talvez nas noites de verão, ao patético sussurrar das frondes se unirão os suspiros dos antigos antepassados do vilarejo, os quais, ao som do sino dos mortos, rezarão pela paz do espírito do homem de bem e recomendarão a sua memória aos seus filhos. E se algumas vezes o cansado ceifador vier revigorar-se do calor de junho, exclamará olhando a minha sepultura: *Foi ele que ergueu estas frescas sombras hospitaleiras!* - Ó ilusões! E quem não tem pátria como poderá dizer 'deixarei aqui ou ali as minhas cinzas?'" (FOSCOLO, 2015, p. 26).

¹³ "eu estouraria os meus miolos" (FOSCOLO, 2015, p. 32).

¹⁴ "Sepulturas! Belos mármores e pomposos epitáfios: mas, ao abri-los, só encontramos vermes e fedor." (FOSCOLO 2015, p. 47).

de Odoardo e Teresa se aproximava, tornou-se taciturno, “*Dimagrato, sparuto, con gli occhi incavati, ma spalancati e pensosi, la voce cupa, i passi tardi, andava per lo più inferrajuolato, senza cappello, e con le chiome giù per la faccia; vegliava le notti intere girando per le campagne.*”¹⁵ (FOSCOLO, 1997, p. 98-99). O estado físico/emocional de Jacopo ajuda a compreender o teor da carta que ele escreve à Teresa, na qual afirma:

*PERDONAMI, Teresa; io ho funestato la tua giovinezza [...] Pur la mia mente è sepolta nel solo pensiero di amarti sempre e di piangerti. [...] mentr'io nelle ore fantastiche del mio dolore e delle mie passioni, nojato da tutto il mondo, diffidente di tutti, camminando sopra la terra come di locanda in locanda, e drizzando volontariamente i miei passi verso la sepoltura - [...] Morendo, io volgerò a te gli ultimi sguardi, io ti raccomanderò il mio sospiro; verserò sopra di te l'anima mia, ti porterò meco nella mia sepoltura attaccata al mio petto - e se è pure prescritto ch'io chiuda gli occhi in terra straniera, e dove nessun cuore mi piangerà, io ti richiamerò tacitamente al mio capezzale [...] Oh! potessi morire a' tuoi piedi: oh! morire ed essere sepolto nella terra che avrà le tue ossa - ma addio.*¹⁶ (FOSCOLO, 1997, p. 107-109).

Nesse trecho, podemos encontrar várias representações da morte: a imagem do retrato de Teresa levado à sepultura; o fechar dos olhos em terra estrangeira, numa *sepoltura illacrimata*; o anúncio da *eterna separação*; o *Adeus*. O protagonista passa a crer que, após o dia de sua morte, os homens não poderão mais julgar o seu amor, nem culpar Teresa por tê-lo amado; terão piedade. Confessa o desejo de morrer sob os pés dela e sobre a terra que terá a sua ossada; seria este, nos parece, o decreto do seu suicídio.

Por não conseguir suportar a ideia de ver Teresa casada com Odoardo, Jacopo viaja para outras cidades, dentre elas, Florença e Rimini. Nesta, em carta datada de 05 de março de 1799, Jacopo relata que Teresa finalmente casara-se com Odoardo. Desolado, sente cada vez mais próximo o dia de sua morte; agora, até mesmo

¹⁵ “Emagrecido, macilento, com os olhos encovados, mas escancarados e pensativos, a voz triste, os passos lentos, andava mais agasalhado, sem chapéu e com os cabelos caindo pelo rosto. Passava as noites inteiras vagando pelos campos.” (FOSCOLO, 2015, p. 115).

¹⁶ “PERDOE-ME, Teresa; eu desgraçei a sua juventude [...] Minha mente também está imersa no único pensamento de amá-la para sempre e de chorar por você [...] enquanto eu, nas horas fantásticas da minha dor e das minhas paixões, entediado com o mundo inteiro, desconfiado de todos, caminhando sobre a terra de hospedaria em hospedaria, dirigindo voluntariamente os meus passos em direção à sepultura [...] Morrendo, eu voltarei a você os últimos olhares, confiarei a você o meu suspiro; derramarei sobre você a minha alma, levarei você comigo, agarrada ao meu peito - e se é mesmo meu destino que eu feche os olhos em terra estrangeira, onde nenhum coração chorará por mim, eu a chamarei silenciosamente à minha cabeceira [...] Oh! Pudesse morrer aos seus pés! Oh! Morrer e ser enterrado na terra que terá os seus ossos - mas adeus.” (FOSCOLO, 2015, p. 127-129).

as ilusões o abandonam e os desejos estão mortos. Nota-se aqui o percurso da peregrinação de Jacopo: Casa de Petrarca, em Arquà; Igreja de Santa Cruz; e, em Firenze, a tumba de Dante. É evidente a ideia da morte como refúgio; somente a morte parece prometer paz e conforto, ao afirmar, abraçando a sepultura de Dante:

*Cerco da molto tempo la pace; e la ragione mi addita sempre la tomba. [...] L'idea della morte dileguava la mia tristezza, ed io sorrideva per la speranza di non vivere più. [...] La sola morte, a cui è commesso il sacro cangiamento delle cose, promette pace. [...] Sull'urna tua, Padre Dante! Abbracciandola, mi sono prefisso ancor più nel mio consiglio. M'hai tu veduto? m'hai tu forse, Padre, ispirato tanta fortezza di senno e di cuore, mentr'io genuflesso, con la fronte appoggiata a' tuoi marmi, meditava e l'alto animo tuo, e il tuo amore, e l'ingrata tua patria, e l'esilio, e la povertà, e la tua mente divina? e mi sono scompagnato dall'ombra tua più deliberato e più lieto.*¹⁷ (FOSCOLO, 1997, p. 158-159).

Contemplando a Lua, confessa sua dor e faz o seu último pedido: “[...] quando Teresa mi cercherà fra i cipressi e i pini del monte, illumina co' tuoi raggi la mia sepoltura.”¹⁸ (FOSCOLO, 1997, p. 167). A Lua torna-se mais uma vez testemunha e companheira de Jacopo, e no seu colóquio com ela, ele invoca a morte: “O Morte! io ti guardo e t'interrogo.”¹⁹ (FOSCOLO, 1997, p. 170), o que indica ao leitor que Jacopo está ainda mais perto do seu inevitável destino. Nota-se a presença metafórica do punhal; provável referência ao drama shakespeariano *Macbeth*, como recurso narrativo que teve relevante influência no período romântico:

Tu pure sei necessario elemento della Natura - per me oggimai tutto l'orror tuo si dilegua, e mi rassembri simile al sonno della sera, quiete dell'opre. [...] Questa piaga invecchiata è ormai divenuta natura: io la sento nel mio cuore, nel mio cervello, in tutto me stesso; gronda sangue, e sospira come se fosse aperta di fresco. - Or basta, Teresa, basta: non ti par di vedere in me un infermo strascinato a lenti passi alla tomba fra la disperazione e i tormenti, e non sa prevenire con un sol colpo gli strazj del suo destino inevitabile? Tento la punta di

¹⁷ “Procuro há muito a paz, e a razão aponta-me sempre o túmulo. [...] A ideia da morte dissolvía a minha tristeza, e eu sorria com a esperança de não viver mais. [...] Apenas a morte, a quem é confiada a sagrada mudança das coisas, promete paz. [...] Sobre o seu túmulo, Pai Dante! Abraçando-o, aferrei-me ainda mais à minha decisão. Você me viu? Por acaso você me inspirou, Pai, tanta firmeza de juízo e de coração, enquanto eu, genuflexo, com a testa apoiada nos seus mármores meditava sobre o seu elevado espírito, o seu amor, a sua pátria ingrata, o exílio, a pobreza, a sua mente divina? E me separei da sua sombra, mais decidido e mais contente.” (FOSCOLO, 2015, p. 193-195).

¹⁸ “[...] quando Teresa me procurar entre os ciprestes e os pinheiros do monte, ilumine com seus raios a minha sepultura.” (FOSCOLO, 2015, p. 204).

¹⁹ “Ó Morte! Eu olho para você e a interrogo.” (FOSCOLO, 2015, p. 204).

*questo pugnale: io lo stringo, e sorrido: qui; in mezzo a questo cuor palpitante – e sarà tutto compiuto. [...] O! Mi vado strofinando le mani per lavare la macchia del suo sangue - le fiuto come se fumassero di delitto.*²⁰ (FOSCOLO, 1997, p. 170-171).

O que se segue no romance é uma sucessão de momentos nos quais Jacopo mostra todo o seu desespero e, em atmosfera de despedida, confessa seus tormentos. Em suas últimas confissões ao amigo Lorenzo, Jacopo pede para que ele console sua mãe e divida seus poucos bens entre as pessoas próximas; pede ainda que Lorenzo entregue a última carta à Teresa. A ideia da morte é um consolo para Jacopo e ele crê que se encontrará em paz, já que morre sabendo que Teresa o ama. Percebe-se, inclusive, a morte como sacrifício, que irá purificá-lo através do *ferro libertador* – seu punhal. Cabe lembrar que a morte de Jacopo acontece nas primeiras horas do dia 26 de março, que, naquele ano, coincidiu com a sexta-feira santa, dia em que, para os cristãos, celebra-se o dia do *sacrifício de Cristo*. Jacopo, metaforicamente, fala que já cava há muito tempo a própria cova, e a observa dia e noite, medindo-a friamente. O *cálice amargo*, a *paixão* de Jacopo, o vincula à evidência cristológica do sacrifício. Nos momentos finais o relato é dramático:

[...] ascoltami almeno in queste poche ore che mi disgiungono dalla morte; [...] Avrai questa lettera quando io sarò sotterrato; e da quella ora tutti forse incominceranno ad obbliarmi, finché niuno più si ricorderà del mio nome - ascoltami come una voce che vien dal sepolcro. [...] Oh sì, mia Teresa; dovevano pure una volta finir le mie pene; e la mia mano non trema nell'armarsi del ferro liberatore, poichè abbandono la vita mentre tu m'ami, mentre sono ancora degno di te, e degno del tuo pianto, ed io posso sacrificarmi a me solo, ed alla tua virtù. [...] No; la morte sola, la morte. Io mi scavo da gran tempo la fossa, e mi sono assuefatto a guardarla giorno e notte, e a misurarla freddamente - e appena in questi estremi la natura rifugge e grida - ma io ti perdo, ed io morirò. [...] Ahi! le mie passioni vivono, ed ardon, e mi possiedono ancora: e quando la notte eterna rapirà il mondo a questi occhi, allora solo seppellirò meco i miei desiderj e il mio pianto. Ma gli occhi miei lagrimosi ti cercano ancora prima di chiudersi per sempre. Ti vedrò, ti vedrò per l'ultima volta, ti lascerò gli

²⁰ “Você [Morte] também é elemento necessário da Natureza - para mim hoje todo o seu horror desaparece, e você me parece semelhante ao sono da noite, à quietude das obras. [...] Essa velha chaga já se tornou natureza: eu a sinto no meu coração, no meu cérebro, e, em toda parte de mim, goteja sangue e se lamenta como se estivesse acabado de se abrir. - Agora basta, Teresa, basta: não lhe parece ver em mim um enfermo, arrastando-se a passos lentos para a tumba entre o desespero e os tormentos, que não sabe impedir com um único golpe os suplícios do seu destino inevitável? Toco levemente a ponta deste punhal: eu o aperto e sorrio, aqui, no meio deste coração palpitante - e tudo estará acabado [...] Ó! Esfrego as mãos para lavar a mancha do seu sangue - cheiro-as como se exalasses delíto.” (FOSCOLO, 2015, p. 208-210).

*ultimi addio, e prenderò da te le tue lagrime, unico frutto di tanto amore!*²¹
(FOSCOLO, 1997, p. 183-185, grifo nosso).

Um punhal cravado no lado esquerdo do peito – o mesmo lado no qual Cristo teria sido ferido pelo soldado romano – abre a ferida que sangrará por toda a noite e que banhará o retrato de Teresa que Jacopo carrega junto ao peito. O desfecho da narrativa é narrado por Lorenzo: Jacopo foi encontrado pelo seu servo Michele, que, por sua vez, chamou um médico, um padre e o Senhor T***, o primeiro a chegar, e nos braços de quem Jacopo deu o último suspiro. O cadáver de Jacopo foi enterrado por Lorenzo e três agricultores/trabalhadores, sob o monte de pinheiros, como fora seu último pedido.

Após percorrermos o romance e discorrermos sobre o tema *morte* presente na obra, a seguir propomos um olhar para a *morte* no que tange a perspectiva da filosofia do materialismo.

O materialismo foscoliano sob a perspectiva de Lucrécio

A última parte deste estudo propõe um olhar sobre o materialismo foscoliano. Naturalmente, não é aqui pesquisada a filosofia do materialismo de modo aprofundado, mas é possível constatar que Foscolo, por ter como base os clássicos gregos e latinos, tenha buscado os alicerces para o seu pensamento na filosofia clássica da corrente do atomismo, especialmente com Lucrécio²², que em seu livro *De rerum natura* (*Da Natureza*, ou ainda *Da Natureza das coisas/Sobre a Natureza*

²¹ “[...] ouça-me pelo menos nestas poucas horas que me separam da morte; [...] Você receberá esta carta quando eu estiver enterrado; e naquela hora todos talvez comecem a me esquecer, até que ninguém mais se lembre do meu nome - escute-me como uma voz que vem do túmulo [...] Oh, sim, minha Teresa; também as minhas penas deverão um dia terminar; e que a minha mão não trema em armar-se do **ferro libertador**, porque abandono a vida enquanto você me ama, enquanto sou ainda digno de você e digno do seu pranto, e eu posso me sacrificar apenas a mim sozinho e à sua virtude. [...] Não, **apenas a morte, a morte. Cavo há muito tempo a minha cova e me habituo a olhá-la dia e noite e a medi-la friamente**. Apenas nestes extremos a natureza recua e grita; mas eu perco você e morrerei. [...] As minhas paixões vivem, ardem e me possuem ainda; e quando a noite eterna roubar o mundo a estes olhos, então sozinho enterrarei comigo os meus desejos e o meu pranto. Mas meus olhos marejados ainda procuram você antes de se fecharem para sempre. E a verei, eu a verei pela última vez, deixarei a você o último adeus, e **tomarei as suas lágrimas, único fruto de tanto amor!**” (FOSCOLO, 2015, p. 225-228, grifo nosso).

²² Pouco se sabe da vida de Tito Lucrécio Caro (Roma, 99 - 55 a. C. ?), mas é sabido que sua obra síntese é *De rerum natura* (séc. I a.C.). Acredita-se que ele tenha nascido em Roma, e lá mesmo tenha sido educado, sendo reconhecido como um dos discípulos da doutrina filosófica de Epicuro. Lucrécio teria levado à Roma antiga o pensamento de Epicuro no intuito de libertar os romanos da religião que os oprimia. O poema de Lucrécio tem imensa importância literária, pois, através dele, se revela um dos maiores poetas latinos (JOYAU; RIBBECK, 1985, p. 17). Supõe-se que Lucrécio tenha se suicidado, em 55 a.C, e que seu poema fora escrito em intervalos de ataques de loucura, ficando inacabado; posteriormente foi completamente revisado e publicado, segundo algumas fontes, por um

das coisas), traz uma nova perspectiva para a filosofia epicurista, segundo a qual *nada pode nascer do nada*:

Finalmente, por que razão não poderia a natureza ter feito homens tão grandes que pudessem passar a vau o oceano, separar com as mãos os altos montes e ultrapassar, vivendo, muitos séculos de vida, se não fosse porque há uma quantidade determinada de matéria para tudo o que se gera e dela se compõe tudo o que surge? Tem de se admitir que **nada pode nascer do nada**, porque toda criatura precisa de algum germe para que depois lhe seja possível elevar-se nas suaves auras do ar. (LUCRÉCIO, 1985, p. 87, grifo nosso).

Na perspectiva proposta, segundo o autor, *nada pode ser criado do nada*:

Se, por consequência, e conforme ensinei, são os elementos compactos sem vazio, é força que sejam eternos; além de tudo, se a matéria não fosse eterna, já há muito tempo haveriam todas as coisas volvido ao nada, e do nada teria renascido tudo o que vemos. Mas, como já antes demonstrei que **nada pode ser criado do nada** e que nada do que surgiu pode voltar ao nada, devem ser de matéria imperecível os elementos a que tem, no fim de tudo, de voltar a matéria para que possa bastar à renovação das coisas. São, portanto, os elementos, sólidos e simples, nem de outro modo poderiam, conservando-se através das idades, ter renovado tudo desde tempos infinitos. (LUCRÉCIO, 1985, p. 96, grifo nosso).

Para melhor compreender esse ponto de vista em *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, é preciso considerar que o protagonista menciona com frequência o conceito lucreciano sobre a possível eternidade da matéria, do qual *a matéria volta a ser matéria*. Lucrécio, descrevendo o processo natural do ciclo da vida, da eternidade da matéria *versus* finitude da vida, gerando o repetitivo processo da transformação/destruição que leva à reprodução e renascimento de todas as coisas, confirma, explicitamente, a representação do materialismo em Foscolo, na irrefreável transformação das coisas e da lei universal da natureza que destrói para mais uma vez reproduzir *ad aeternum*. É o caso da carta de 13 de maio de 1798, na qual Jacopo Ortis narra:

*Mi sono trovato su la montagnuola presso la chiesa: suonava la campana de' morti, e il presentimento della mia fine trasse i miei sguardi sul cimiterio dove ne' loro cumuli coperti di erba dormono gli antichi padri della villa - Abbiate pace, o nude reliquie: **la materia è tornata alla materia; nulla scema, nulla***

irmão de Cícero chamado Quinto. Segundo outras fontes, o trabalho foi feito pelo próprio Cícero, que tinha pelo poeta do materialismo profunda admiração (JOYAU; RIBBECK, 1985, p. 17).

*crece, nulla si perde quaggiù; tutto si trasforma e si riproduce - umana sorte!
men felice degli altri chi men la teme.*²³ (FOSCOLO, 1997, p. 81, grifo nosso).

Para Lucrécio (1985, p. 69), a vida se realiza no eterno movimento e na combinação dos átomos para formar os corpos compostos: “Estas moléculas primordiais são indestrutíveis e simples, sem forma, a fim de se poderem transformar em todas as coisas. Nem a matéria nem o espaço têm limites além daqueles que recebem um do outro; é sobre isso que repousa a eternidade da natureza.” A morte, para o filósofo, é “a dissolução dos átomos no ser vivo” (LUCRÉCIO, 1985, p. 69), condição esta que abraça todo ser que possui vida, e “[...] a natureza não é mais do que uma perpétua agitação, um nascer e um morrer perpétuos.” (LUCRÉCIO, 1985, p. 70). Desse modo, é inútil cogitar a possibilidade de existir vida após a morte, posto que ao corpo não é dada a capacidade de nascer por si próprio,

[...] nem cresce nem parece durar depois da morte. Não é como a água que perde o vapor que lhe foi dado e nem por isso fica destruída, mas permanece intata: não é, digo eu, do mesmo modo que os órgãos podem suportar, abandonados, a retirada da alma: perecem profundamente abalados e em podridão se abatem. (LUCRÉCIO, 1985, p. 152).

Em tais princípios, é possível observar que a alma e o espírito são de natureza material, havendo uma ligação que os influencia mutuamente. Vale lembrar que, mesmo refletindo sobre a concepção materialista e atomista de todo ser que possui vida, os epicuristas não negam a existência dos deuses, da mesma forma como não a defendem. Para estes filósofos, os deuses podem até existir, mesmo de forma material, mas, se existem, eles não se importam com os seres humanos e não interferem no seu percurso, o que resulta na descrença do conceito *destino* como algo traçado pelos deuses, representado tão fortemente nas tragédias gregas. O pensamento de Lucrécio (1985, p. 68) busca analisar o princípio do prazer que leva a humanidade à crença no sagrado como uma sublime fuga, “[...] porque, se os homens vissem diante de si fim certo de seus males, teriam a força de resistir às superstições e às ameaças dos padres; sentem-se impotentes porque julgam que têm de sofrer depois da morte castigos eternos.” Diante do reconhecimento da efemeridade de tudo que possui vida, o filósofo mais uma vez questiona:

²³ “Eu estava sobre o pequeno monte junto à igreja: soava os sinos dos mortos, e o pressentimento do meu fim atraiu meu olhar para o cemitério onde, em montes cobertos de grama, dormem os antigos antepassados do vilarejo – Fiquem em paz, ó nuas relíquias: **a matéria retornou à matéria; nada diminui, nada cresce, nada se perde aqui embaixo; tudo se transforma e se reproduz – destino humano!** Menos infeliz quem menos o teme.” (FOSCOLO, 2015, p. 95-96, grifo nosso).

E tu ainda hás de duvidar e ainda te hás de indignar porque vais morrer? Estás ainda vivo e vendo e, no entanto, a tua vida é morta porque estragas, dormindo, a maior parte do tempo e acordado ressonas, não deixas de ver sonhos, trazes a alma atormentada por vãos receios e não podes encontrar nunca a origem do mal quando, pobre de ti, te perseguem inúmeros cuidados e vagueias, como flutuando, ao sabor dos erros do teu espírito. (LUCRÉCIO, 1985, p. 170-171).

Em vários momentos da narrativa de *Ultime lettere di Jacopo Ortis* é possível visualizar tal aspecto da concepção materialista de Lucrécio, como na já citada carta de 13 de maio de 1798, na qual Jacopo questiona a existência de Deus, que teria ao mesmo tempo trazido à Terra a Virtude, sua filha primogênita, e a Desventura. O materialismo foscoliano é aqui representado mesclando-se à imagem do bosque de pinheiros e ao pressentimento do seu fim, quando *a matéria volta à matéria*:

*- Sposato mi sdraiai boccone sotto il boschetto de' pini, e in quella muta oscurità, mi sfilavano dinanzi alla mente tutte le mie sventure e tutte le mie speranze. Da qualunque parte io corressi anelando alla felicità, dopo un aspro viaggio pieno di errori e di tormenti, mi vedeva spalancata la sepoltura dove io m'andava a perdere con tutti i mali e tutti i beni di questa inutile vita. E mi sentiva avvilito e piangeva perché avea bisogno di consolazione - e ne' miei singhiozzi io invocava Teresa.*²⁴ (FOSCOLO, 1997, p. 81).

O desespero do protagonista se intensifica à medida que a possibilidade de construir uma vida com Teresa torna-se cada vez mais distante. Nas cartas enviadas a Lorenzo, intensifica-se a ideia de Teresa como *companheira de sepulcro*, causando a impressão de que esses pensamentos envolvem Jacopo por imaginá-la como morta, para se tornar eternamente sua, como narrado na carta de 27 de maio de 1798. Nesta, está manifestada explicitamente a ideia extrema do suicídio, pois Jacopo reflete acerca da sua mortalidade, e seu sofrimento e desesperança o levam a querer *sair do inferno da vida*, chegando quase satirizar a sua condição e a condição de todos os homens:

[...] e quando mi sento tuonare nell'anima quella tremenda sentenza: Non sarò vostra mai; io trapasso di furore in furore, e medito delitti di sangue. [...] io ti morirò a' piedi; ma tutto tuo, e sapendo che pur t'ho lasciata innocente – ma

²⁴ “- Exausto, deitei-me de bruços no bosque de pinheiros, e, naquela muda escuridão, desfilavam na minha mente todas as minhas desventuras e todas as minhas esperanças. Para qualquer parte que eu corresse desejando a felicidade, depois de uma amarga viagem cheia de erros e de tormentos, eu via escancarada a sepultura onde acabaria, com todos os males e todos os bens desta inútil vida. E me sentia abatido e chorava porque tinha necessidade de consolo - e aos soluços eu invocava Teresa.” (FOSCOLO, 2015, p. 96).

*insieme infelice! Tu, se non potrai essermi sposa, mi sarai almeno compagna nel sepolcro. Ah no; la pena di questo amore fatale si rovesci sopra di me. Ch'io pianga per tutta un'eternità; ma che il cielo, o Teresa, non voglia che tu sia lungamente per mia cagione infelice! [...] **Tu non se'immortale. Or via, soffriamo dunque; e sino agli estremi - uscirò, uscirò dall'inferno della vita; e basto io solo: a questa idea rido e della fortuna, e degli uomini, e quasi della onnipotenza di Dio.***²⁵ (FOSCOLO, 1997, p. 93-94, grifo nosso).

Na carta de 27 de agosto de 1798, escrita em Florença, Jacopo retoma o tema político da peregrinação às tumbas dos grandes italianos, e visita a Igreja de Santa Cruz, onde estão enterrados ilustres italianos, como Michelangelo, Galileo e Maquiavel; citada nos versos d'*Os Sepulcros*. O materialismo foscoliano mostra-se bastante evidenciado e é assim explicado por Gleiton Lentz (2009, p. 361):

[...] à visão materialista da morte como “nada eterno”, [Foscolo] contrapôs a ilusão de uma sobrevivência garantida pelos sepulcros que, se de um lado, preservam os vínculos familiares e os valores, isto é, aqueles valores que inspiram os homens a cumprir “nobres empresas” (pátria, glória, heroísmo), por outro, se constituem em matéria de poesia, poesia imortal que “vence o silêncio de incontáveis séculos” e a própria morte, consentindo uma sobrevivência ideal aos mortos.

Na já citada carta de 20 de março de 1799, nos momentos finais do destino do protagonista, é notável o pensamento atomista desenvolvido por Foscolo ao representar o seu personagem. Jacopo se questiona sobre o que é a vida, o que ele mesmo é, o que é o mundo e o que ele faz nele; chega à conclusão, novamente, da sua pequenez diante de tudo, e percebe-se como um átomo:

Io non so né perché venni al mondo; né come; né cosa sia il mondo; né cosa io stesso mi sia. E s'io corro ad investigarlo, mi ritorno confuso d'una ignoranza sempre più spaventosa. Non so cosa sia il mio corpo, i miei sensi, l'anima mia; e questa stessa parte di me che pensa ciò ch'io scrivo, e che medita sopra di tutto e sopra se stessa, non può conoscersi mai. Invano io tento di misurare con la mente questi immensi spazj dell'universo che mi circondano. Mi trovo

²⁵ “[...] e quando ouço trovoar na alma aquela terrível sentença *Jamais serei sua*; eu passo de furor em furor e planejo delitos de sangue. [...] eu morrerei aos seus pés, mas todo seu e sabendo que a deixei inocente – mas ao mesmo tempo infeliz! Se você não puder se casar comigo, será ao menos minha **companheira na sepultura**. Ah, não, que a pena deste amor fatal se volte contra mim. Que eu chore por toda a eternidade, mas que o céu, ó Teresa, não queira que você seja infeliz por muito tempo, nem por minha causa! [...] **Você não é imortal**. Agora vamos, soframos, portanto; e até os extremos – sairei, sairei do inferno da vida, e basta eu somente: **a essa ideia rio da sorte, dos homens e quase da onipotência de Deus.**” (FOSCOLO, 2015, p. 110-111, grifo nosso).

*come attaccato a un piccolo angolo di uno spazio incomprensibile, senza sapere perché sono collocato piuttosto qui che altrove; o perché questo breve tempo della mia esistenza sia assegnato piuttosto a questo momento dell'eternità che a tutti quelli che precedevano, e che seguiranno. Io non vedo da tutte le parti altro che infinità le quali mi assorbono come un atomo.*²⁶ (FOSCOLO, 1997, p. 174).

Por fim, na carta de 25 de março de 1799, escrita poucas horas antes da sua morte, Jacopo acrescenta esse proscrito à última carta que deixa a Lorenzo. Na carta de adeus à Teresa, ele afirma que levará o retrato da jovem com ele, sobre o peito, para ser enterrado com o seu cadáver. Percebe-se aqui, novamente, a visão esperançosa, ainda que vã, de Teresa como sua companheira de sepulcro. O materialismo é aqui celebrado também no pedido final de Jacopo, de que seu cadáver não receba qualquer tipo de funeral ou lápide: “*Fa ch'io sia sepolto, così come sarò trovato, in un sito abbandonato, di notte, senza esequie, senza lapide, sotto i pini del colle che guarda la chiesa. Il ritratto di Teresa sia sotterrato col mio cadavere.*”²⁷ (FOSCOLO, 1997, p. 186).

Considerações finais

Nas cartas de Jacopo Ortis é possível encontrar o tema *morte* representado em um considerável número e em diversos aspectos: morte de toda esperança; morte dos sonhos de pátria; morte do amor e das crenças do protagonista. É visível ainda uma possibilidade quase que paradoxal entre a crença no divino e no material, crença essa presente nos epicuristas, os quais acreditam na finitude da alma com a morte, embora também acreditam na existência dos deuses, mesmo que estes não atuem sobre o mundo ou sobre os humanos. A morte, no romance analisado, é ora vista como um *sacrifício*, o que remete à visão mítica e religiosa, ora em contraste com a concepção materialista da eternidade da matéria *versus* a finitude da vida. Como procuramos demonstrar nas suas falas, Jacopo Ortis ecoa termos específicos que remetem ao poeta latino, sendo, portanto, viável

²⁶ “Eu não sei nem por que vim ao mundo, nem como, nem o que é o mundo, nem o que eu mesmo sou para mim. E se eu corro para investigá-lo, retorno confuso por uma ignorância cada vez mais assustadora. Não sei o que são o meu corpo, os meus sentidos, a minha alma, e essa mesma parte de mim que pensa naquilo que escrevo e que medita sobre tudo e sobre si mesma não pode se conhecer jamais. Em vão tento medir com a mente estes imensos espaços do universo que me circundam. Encontro-me como que ligado a um pequeno canto de um espaço incomprensível, sem saber por que estou aqui em vez de em outro lugar; ou por que este breve tempo da minha existência foi destinado a este momento da eternidade e não a todos os que o precederam e que o seguirão. Eu não vejo por todos os lados senão infinitudes que me absorvem como um átomo.” (FOSCOLO, 2015, p. 213).

²⁷ “Faça com que eu seja sepultado em um local abandonado como aquele em que serei encontrado, à noite, sem exéquias, sem lápide, sob os pinheiros da colina voltada para a igreja. Que o retrato de Teresa seja enterrado com meu cadáver.” (FOSCOLO, 2015, p. 230).

afirmar que o materialismo foscoliano tem, em partes, alicerces no pensamento do atomismo, levado à Roma clássica por Lucrecio. O materialismo foscoliano traz um olhar complexo acerca da morte, mas, ao mesmo tempo, lógico: por um lado, leva o leitor à esfera dos sonhos e ideais, dos vínculos aos antepassados, do respeito à terra e ao solo em que se nasce, das esperanças, das paixões e do amor; por outro lado, o traz de volta à realidade da eterna condição humana. Porém, no nosso entendimento, a interpretação do tema da morte em *Ultime lettere di Jacopo Ortis* não foi esgotada neste estudo e deve ser observada a partir de diferentes significados.

SIMONI, K.; BEZ BATTI, K. Death as portrayed in *Ultime lettere di Jacopo Ortis*: a look at the foscolian materialism. **Itinerários**, Araraquara, n. 43, p. 135-154, jul./dez. 2016.

■ **ABSTRACT:** *Ugo Foscolo (1778-1827) was already well known in Italy when he wrote his epistolary novel Ultime lettere di Jacopo Ortis (1802-1817); this was the piece, nonetheless, which would end up immortalizing him. Within this novel, Foscolo portrays the intricate period in which Italy, marked by the Napoleonic government, was inserted – reflecting thereby upon themes such as the human condition, the value of the classics, the necessity of a national ideal, friendship, and love. Death permeates such issues, and it consists in the specific focus of this study – as we aim at verifying Foscolo’s materialism under the light of Lucretius’ atomist philosophy. A brief parallel between Foscolo and the historic context is primarily traced, as a necessary path for one to access how death is addressed within the novel; afterwards, how such death is therein represented is also discussed. At a final moment, the focus shifts to the manner of how Foscolian materialism is related to Lucretius’ philosophic doctrine (1st century B.C.), which might be visualized in the poem De rerum natura. The research corpus comprises the letters from October the 11th, 13th, and 26th, November the 12th and 20th, and December the 11th, 1797; May the 13th, 1798; and March the 5th, 14th, and 25th, 1799.*

■ **KEYWORDS:** *Ultime lettere di Jacopo Ortis. Death. Materialism. Lucretius.*

REFERÊNCIAS

ANSELMINI, G. M. **Perfil storico della letteratura italiana**. 4.ed. Milano: Sanzoni, 2008.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BUONAFINA, M. T. **As “Ultime lettere di Jacopo Ortis”, de Ugo Foscolo**: análise acompanhada de tradução comentada e anotada. 2007. 206 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-13082007-151702/pt-br.php>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COULANGE, F. **A cidade antiga**: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. Tradução Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. 12. ed. São Paulo: Hemus, 1975.

DE CAPRIO, V. **Progetto letteratura**: l’età napoleonica e del risorgimento. Torino: Einaudi Scuola, 2003.

ENEI, B. **Aulas de literatura italiana e desafios críticos**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2010.

FOSCOLO, U. **Ultime lettere di Jacopo Ortis**. A cura di Giuseppe Nicoletti. Firenze: Giunti, 1997.

_____. **Lettere d’amore**. A cura di Guido Bezzola. 2. ed. Milano: Bur Rizzoli, 2006.

_____. **As últimas cartas de Jacopo Ortis**. Tradução Andréia Guerini e Karine Simoni. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

JOYAU, E.; RIBBECK, G. Introdução. In: EPICURO et al. **Antologia de textos/ Epicuro. Da natureza/ Tito Lucrécio Caro. Da república/ Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino Cláudio/ Lúcio Aneu Sêneca. Meditações/ Marco Aurélio**. Traduções e notas de Agostinho da Silva et al., estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. Contêm vida e obra de Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 17-28. (Os pensadores, v. 5).

LENTZ, G. Dei Sepolcri/Os Sepulcros. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 361-381, jul./dez. 2009.

LUCRÉCIO. Da natureza. In: EPICURO et al. **Antologia de textos/ Epicuro. Da natureza/ Tito Lucrécio Caro. Da república/ Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino Cláudio/ Lúcio Aneu Sêneca. Meditações/ Marco Aurélio**. Traduções e notas de Agostinho da Silva et al., estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. Contêm vida e obra de Epicuro, Lucrécio, Cícero,

Sêneca e Marco Aurélio. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 82-280. (Os pensadores, v. 5).

MILZA, P. **Storia d'Italia**: dalla preistoria ai giorni nostri. Milano: Corbacci, 2006.

PALUMBO, M. **Saggi sulla prosa di Ugo Foscolo**. Napoli: Liguori, 1994.

RAIMONDI, E. **Romanticismo italiano e romanticismo europeo**. Milano: Bruno Mondadori, 1997.

TERZOLI, M. A. **Con l'incantesimo della parola**: Foscolo scrittore e critico. Roma: Edizioni Di Storia e Letteratura, 2007.

VERDENELLI, M. **Foscolo**: una modernità al plurale. Roma: Anemone Purpurea, 2007. 442 p.

Recebido em 30/11/2016

Aceito para publicação em 03/05/2017

